

# COM UMA BALA NA CABEÇA

O que os cirurgiões viram nas radiografias parecia totalmente incompatível com a vida

Por DAVID MOLLER

**M**ALOMOH COLE, engenheiro de mineração, e sua mulher, Mariama, grávida, fugiam para o norte, tentando escapar dos rebeldes que se opunham ao governo. Era janeiro de 1995 e uma terrível guerra civil devastava o sul de Serra Leoa, na costa oeste da África. Rebeldes bem armados haviam invadido povoados, matando todos que fossem considerados leais ao governo.

Quando se preparava para passar a noite numa casa de fazenda abandonada, o casal ouviu um choro. Do lado de fora, eles encontraram uma garotinha de cerca de 4 anos enco-

lhida na grama, sacudida por soluços angustiados.

Evidentemente traumatizada, a criança não conseguia falar, nem mesmo dizer o próprio nome. Mas partilhou vorazmente com o casal a refeição de arroz e aipim. Depois passou a noite chorando.

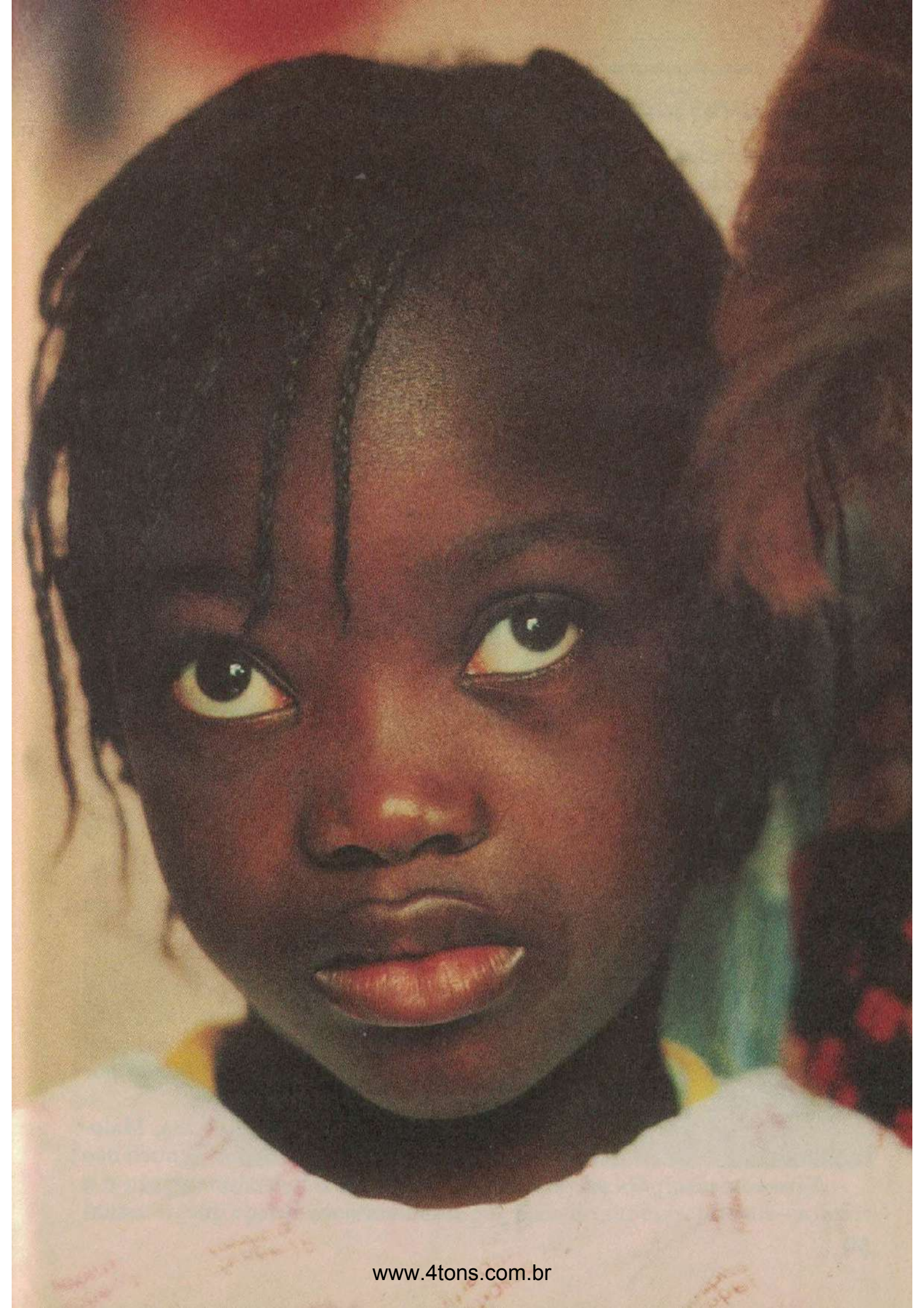
No dia seguinte agarrou-se silenciosamente a eles quando recomeçaram a jornada para a capital, Freetown. Os Coles podiam apenas imaginar o que a menina tinha sofrido: possivelmente vira o massacre da família. Malomoh resolveu chamá-la de Tenneh – “Deus proveu” – em homenagem à sua mãe.

Quatro dias depois Malomoh co-

---

**Espírito Invencível**– Tenneh tornou-se símbolo de determinação.







## *A radiografia revelou algo espantoso: **uma bala***

meçava a acender uma fogueira à noitinha quando ouviu o som de tiros. De repente, Tenneh caiu no chão, aos gritos, o sangue escorrendo do alto da cabeça. Malomoh tratou do ferimento o melhor que pôde, achando que a menina tivesse sido atingida por uma pedra lançada pelo tiroteio.

No dia seguinte, os três chegaram a um povoado, onde Mariama deu à luz um menino. O bebê, primeiro filho do casal, sobreviveu apenas algumas horas. Então, consternados, Malomoh e a mulher notaram que o estado de Tenneh havia piorado. Obviamente sentindo dor, ela estava febril e o olho direito piscava de forma alarmante.

Era evidente que a criança precisava de cuidados médicos. Mas a única clínica das proximidades, em Moriba, encontrava-se em poder dos rebeldes. Depois de muita aflição, Malomoh decidiu render-se, com Tenneh, às tropas rebeldes. *Deus nos enviou esta criança, pensou. Devemos tomar conta dela.*

A princípio os rebeldes suspeitaram que fosse uma armadilha.

– Você é um soldado do governo – acusaram eles. – Um espião.

Bateram em Malomoh e ameaçaram fuzilá-lo com a menina. Mas ele acabou conseguindo convencê-los de que não estava interessado na luta política.

– Vim somente para salvar esta criança – insistiu.

Os captores ordenaram que uma enfermeira cuidasse de Tenneh. Por fim o ferimento da cabeça foi devidamente medicado e, aos poucos, começou a sarar. Ao anoitecer do quarto dia de cativeiro, Malomoh tomou a garotinha nos braços e embrenhou-se mata adentro para ir ao encontro de Mariama.

Fugiram então para o norte, evitando as estradas por medo de serem capturados. Foi uma jornada terrível, mas Tenneh jamais se queixou. Ela começara a conversar com os Coles em mende, dialeto local, mas nunca a respeito de sua vida antes de eles a encontrarem. E de vez em quando a menina os premiava com um sorriso tímido.

Alerta e observadora, ajudava a procurar aipim, noz de cola ou qualquer outro alimento. Malomoh notou, porém, algo de estranho na forma como ela virava a cabeça. Então compreendeu: Tenneh estava cega de um olho.

**A** FAMÍLIA improvisada levou três meses para chegar a Freetown, numa caminhada de mais de 400 quilômetros. Como milhares de refugiados que se dirigiam à capital, acabaram num local chamado Brickworks, assolado por doenças.

Sem emprego e sem casa, Malomoh preocupava-se por Tenneh não estar recebendo a alimentação e o tratamento médico de que necessita-



*atrás do olho direito. Ela estava lá havia quase um ano.*

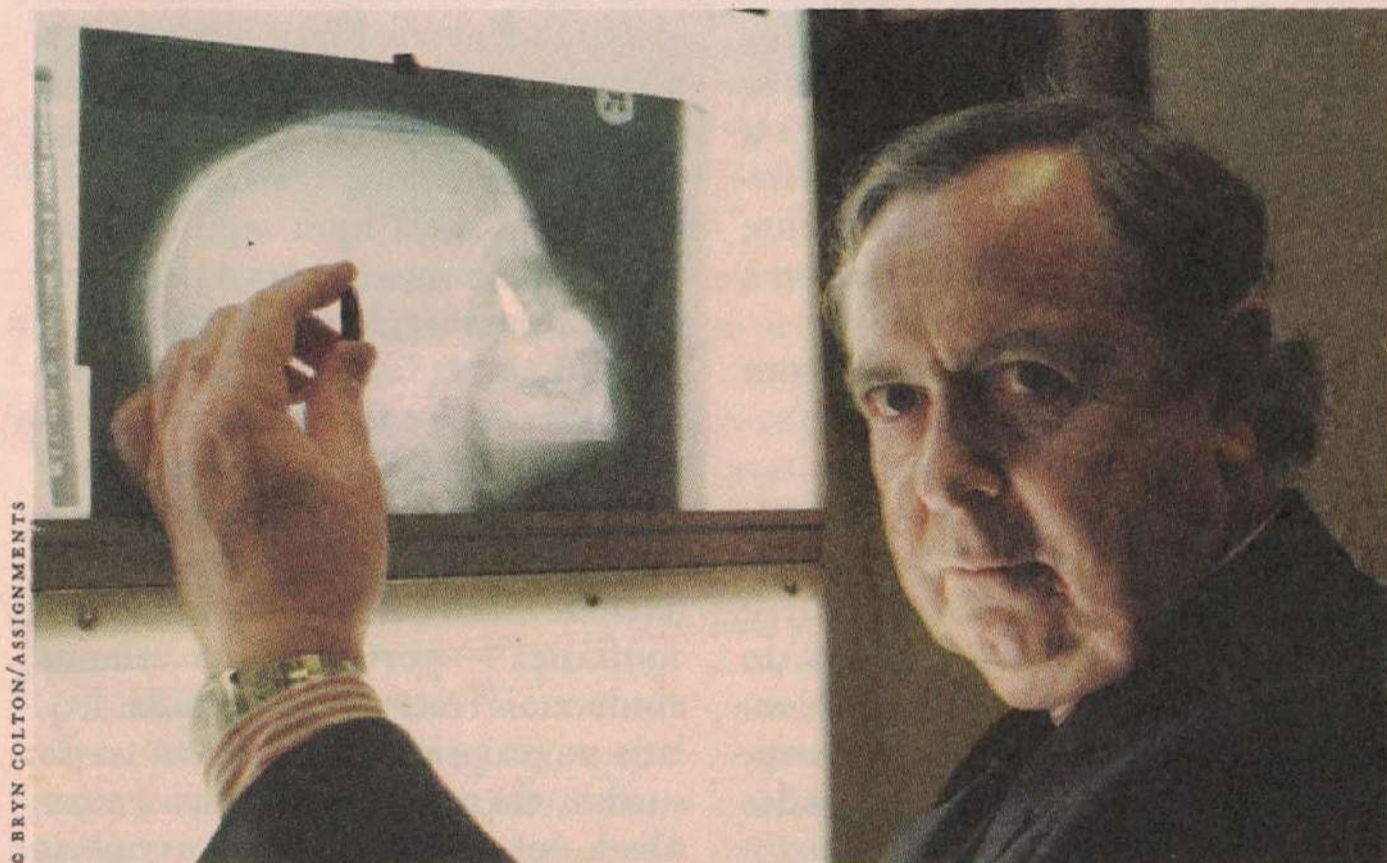
va. Ouviu então falar que representantes de uma organização internacional de ajuda a crianças necessitadas (Hanci – Help a Needy Child International) estavam percorrendo o campo para registrar órfãos de guerra. Foi decidido que Tenneh iria para um orfanato que estava sendo fundado por uma instituição de caridade britânica em Makeni, cerca de 200 quilômetros a leste de Freetown. Com tristeza, os Coles despediram-se da menina.

Em dezembro de 1995, Tenneh reuniu-se a outros 23 órfãos em Makeni. Mas logo foi atacada de delírios e confusão mental. Após dez dias de febre, perdeu a maior parte

da audição. E o olho direito ainda estava inchado.

A menina foi levada a um hospital de Freetown, onde as radiografias revelaram algo espantoso: uma bala alojara-se atrás do olho direito, permanecendo ali havia quase um ano.

Os médicos sabiam que, se não fosse removida, provavelmente viria a causar uma infecção fatal no cérebro. Mas não existia em Serra Leoa nenhum cirurgião com experiência ou recursos para uma operação desse tipo. O presidente da Hanci, Roland Kargbo, muito interessado por Tenneh, lembrou-se de Mark e Caroline Cook, o casal britânico que



© BRYN COLTON/ASSIGNMENTS

**A Vida por um Fio**— O Dr. Geoffrey Cheney decidiu fazer a cirurgia. Mas não podia prever os obstáculos que teria de superar.



havia colaborado na fundação do orfanato de Makeni. Será que poderiam ajudar?

**Q**UANDO ERA comandante do contingente britânico da Força de Proteção das Nações Unidas na Croácia, em 1992, o coronel Mark Cook visitara Lipik – cidade devastada por bombardeios sérvios. Lá ele vira as ruínas do orfanato da cidade, onde 65 crianças aterrorizadas esperavam que o bombardeio terminasse. Prometeu aos órfãos que daria um jeito de ajudar a reconstruir seu lar.

Cook reformou-se e durante os 18 meses seguintes levantou fundos para reconstruir orfanatos na Croácia, Bósnia e Albânia. Nessa atividade descobriu nova vocação e fundou a organização Hope and Homes for Children (Esperança e Lares para as Crianças). O princípio que guiava a organização era: “Quando as crianças perdem tudo – absolutamente tudo – só lhes resta agarrarem-se à esperança.”

Caroline entrou em contato com Mark em Sarajevo para falar-lhe sobre Tenneh.

– É claro que vamos ajudar a criança – respondeu ele.

**D**IAS DEPOIS, especialistas do Hospital Norfolk e Norwich, na Inglaterra, examinaram as chapas de raios X enviadas de Serra Leoa: elas mostravam o

crânio de uma criança e o contorno perfeito de uma bala.

– Será que podemos fazer algo para ajudar essa garotinha? – perguntou o administrador do hospital, Richard Drew.

O especialista em cirurgia maxilo-facial Geoffrey Cheney tinha reconstruído rostos desfigurados por doenças, acidentes de carro e ferimentos à bala. Mas em 40 anos de carreira poucas vezes vira algo aparentemente tão incompatível com a vida. Mesmo que a bala não houvesse matado a criança de imediato, o normal seria que a infecção o tivesse feito. Como ela conseguira sobreviver por tanto tempo?

Três semanas mais tarde, Mark e Caroline Cook voaram para Serra Leoa a fim de buscar Tenneh. No avião, a mente de Mark retrocedeu à primeira visita que fizera àquele país no ano anterior. No campo Brickworks uma menina agarrara-se a ele. Durante a meia hora seguinte, sua mão pequenina segurara a dele. Antes de ir embora, Mark lhe disse:

– Vou fazer tudo o que puder para ajudar você e seus amigos.

A garotinha olhou solenemente para ele, com absoluta confiança.

Apresentado a Tenneh no orfanato de Makeni, ele viu a mesma confiança – porém numa criança ainda mais reservada e retraída. Isolada no próprio mundo por causa da surdez, ela muitas vezes ficava sozinha a um canto, enquanto as outras

*Ela passava muito tempo sozinha, mas parecia ter a*





**No Hospital-** Tenneh, recobrando-se da cirurgia, fez amizade com a enfermeira Helen Shorten, passando a ajudá-la em suas tarefas.

crianças dançavam e cantavam. Mas na inclinação do queixo da menina Mark notou a determinação de uma verdadeira sobrevivente.

Tenneh acompanhou alegremente os Cooks de volta à Inglaterra. No avião aconchegou-se a Caroline e examinou-lhe o conteúdo da bolsa. Quando viu carne no prato de Mark, habilmente a tirou da bandeja dele, pois a preferia ao peixe que lhe fora servido. Em seguida, empurrou garfadas de seu peixe na bo-

ca de Mark. Ele soube então que fora aceito.

Na unidade infantil do Hospital Norfolk e Norwich, Tenneh empurrava o carrinho de refeições pelo corredor e ajudava a fazer as camas. Enquanto os outros pacientes tinham os pais para cuidar deles, Tenneh seguia a enfermeira Helen Shorten por toda parte. Sentava-se, feliz, em seu colo, enquanto a enfermeira preenchia relatórios, ou a acompanhava de mãos dadas nas rondas.

*enorme* **determinação de uma sobrevivente.**



Depois de outros exames de raios X e uma tomografia do cérebro, Cheney decidiu operá-la. Mas isso não seria fácil. A bala estava apoiada pela base – um terço desta no seio paranasal, dois terços atrás do olho direito. Teria de sofrer um giro de noventa graus a partir de sua posição vertical antes que fosse possível removê-la.

**A**s 8h30 da manhã de 14 de maio de 1996, Tenneh foi levada para a sala de cirurgia nos braços de Helen Shorten. Com a criança anestesiada, Cheney tentou o acesso à bala através do céu da boca. Introduzindo a broca suavemente no osso, desviou-se da segunda denteção da menina, que ainda não despontara.

Após vinte minutos a equipe de Cheney debruçou-se sobre seu ombro para ver a base da bala – um sinistro círculo de metal enegrecido. Delicadamente, Cheney puxou-a com um fórceps. A bala não se moveu.

Em seguida, o médico fez uma incisão na maçã do rosto de Tenneh, logo abaixo do olho direito. Suspensando a parte inferior do olho e o delicado tecido à sua volta, ele tentou deslocar a bala com o fórceps. No entanto, era impossível movê-la. Ele teria de tentar uma manobra mais radical.

Cortou então sob o olho uma lasca estreita de osso de pouco mais de um centímetro de comprimento. Depois teve de afastar o nervo infra-orbitário e finalmente conseguiu chegar à bala.

O tenso silêncio da sala de cirur-

gia foi quebrado quando Cheney ergueu o objeto de metal escuro.

– Aqui está ela! – disse, fazendo a bala tinir ao deixá-la cair na bandeja de aço inoxidável.

Agora era possível ver sob o olho de Tenneh uma massa de infecção crônica.

Após ter eliminado a maior parte do tecido infectado, o cirurgião parou. Antibióticos intravenosos poderiam combater qualquer infecção que restasse. Com habilidade, recolocou a lasca de osso na face de Tenneh. Uma chapa curva de titânio com cinco minúsculos parafusos prenderia o osso no lugar e ajudaria a refazer a borda danificada do olho. Às 10h45 da manhã a cirurgia havia terminado.

A operação foi bem-sucedida. Mas Cheney ainda não entendia como Tenneh sobrevivera ao ferimento. Supunha-se que a bala – capaz de percorrer cerca de 700 metros por segundo – estivesse no fim de sua trajetória ao atingi-la. Caso contrário, teria destruído a maior parte do rosto da criança. No entanto, as radiografias ofereciam poucas pistas do ponto por onde ela teria penetrado. Felizmente, não havia indícios de dano cerebral, e apenas dois dias após a operação Tenneh estava de novo ajudando diligentemente as enfermeiras nas tarefas.

**N**O FINAL de maio, chegou o momento de Tenneh retornar ao orfanato de Makeni. De volta a seus amigos e ao ambiente familiar, ela vicejou.



Embora ocasionalmente frustrada pela falta de audição, adaptou-se bem à escola para crianças com deficiência auditiva, onde está aprendendo a usar aparelho para surdez e a fazer leitura labial.

Desde o retorno recebeu várias visitas. Malomoh e Mariama Cole, que haviam saído do campo de refugiados Brickworks para morar temporariamente em casa de parentes, visitaram-na em julho de 1996.

Os Coles ficaram maravilhados com seu progresso.

Naquele mês de outubro houve outro encontro. Voltando a Serra Leoa para abrir novo orfanato, Caroline e Mark Cook chegaram a Makeni no momento em que as

crianças retornavam da escola. Os Cooks as cumprimentaram e logo avistaram uma figura magrinha de 6 anos, com tranças.

A menina olhou para eles, a princípio com um tímido sinal de reconhecimento e depois com um sorriso de pura alegria, quando eles a abraçaram.

Para Mark Cook foi um momento precioso. A coragem e determinação de Tenneh tornaram-se símbolo de todas as crianças que ele encontrara, vítimas da guerra.

Na tenra idade de 5 anos, ela perdera o lar, os pais, a visão de um olho e a maior parte da audição. No entanto, continuara lutando.

Ela se agarrara à esperança.

## ERRO DE INTERPRETAÇÃO



Três Cadillacs brancos, novos em folha, tinham sido alugados para transportar os convidados do casamento de minha filha. Agora tinham de ser devolvidos. Meu marido resolveu mandar encher os tanques antes de recrutar os motoristas.

Levou o primeiro carro para um posto perto de casa. Dez minutos depois estava em casa e saindo com o segundo. Quando ele chegou com o terceiro Cadillac, o frentista murmurou, sem poder acreditar:

— O senhor está com a pior quilometragem por litro que já vi!

—DONNA LESSARD, *Canadá*

Recebemos um aviso da prefeitura dizendo que havia uma data limite para consertar nosso terraço dos fundos. Meu marido, Jim, imediatamente começou o trabalho, construindo parapeitos lindamente armados, obedecendo às especificações rigorosas do município. Terminado o trabalho, o passo seguinte era notificar ao inspetor municipal. Jim procurou o número na nota original e foi só então que notou o aviso: “Exige-se Licença”.

—CINDY ERLEMEIER, *EUA*